

Lembrança, escritura e esquecimento: rituais da/na escrita como tentativa de escapar à solidão e acobertar-se da loucura em Carolina Maria de Jesus

Fabiana Rodrigues Carrijo¹

Resumo: Esta pesquisa investigou, a partir de uma análise teórico-metodológica repousada nos aportes da AD francesa, como um sujeito de um discurso constitui sua subjetividade através do exercício de uma *escrita de si*. Assim, este ensaio elencou as singularidades desta *escrita de si*, especialmente, por intermédio de dois diários íntimos de Carolina Maria de Jesus, notadamente, a partir do *Quarto de despejo* (1960). Os estudos apresentados, neste trabalho, intencionavam discutir o sujeito como um sujeito da escrita que se vale dela com o intuito de preservar o dia vivido na esperança blanchotiana de que se deve anotar para preservar e preserva-se para não passar incólume. Esta problemática do sujeito, relacionada com o produto de sua escrita, foi tomada por meio dos estudos apresentados por Foucault a partir das noções de escrita de si, cuidado de si, dos *hypomnemata* e das *lettres de cachet*, o que possibilitou inventariar a constituição de um sujeito por meio de sua escrita. Neste exercício de análise discursiva de um *corpus* de base literária, a partir de noções foucaultianas e de algumas notações temáticas de outros campos teóricos (como da crítica literária e dos estudos bakhtinianos), deliberou-se que a constituição do sujeito em várias posições-sujeito se produziu na e pela contradição: nem totalmente delator, nem propriamente porta-voz dos excluídos.

Palavras-chave: Escrita de si; Discursividade literária; Carolina Maria de Jesus; Análise do Discurso; Foucault.

Remembrance, writing and forgetfulness: rituals of / in writing as an attempt to escape solitude and cover up with the madness in Carolina Maria de Jesus

Abstract: This research investigated, from a theoretical and methodological analysis rested on the French contributions AD as a subject of a discourse constitutes his subjectivity through the exercise of *writing himself*. Thus, this thesis listed the singularities of this writing himself especially through two particular diaries of Carolina Maria de Jesus especially “Quarto de Despejo” (1960). The studies presented in this work intended to discuss the subject as a writing subject that is worth in order to preserve the living day in blanchoniana hope that it should be noted for preserving and preserves itself not to pass unscathed. This problematic subject related with his writing was taken by Foucault presented studies from the notions himself writing, self care from *hypomnemata* and of *lettres de cachet*, that allowed to make an inventory of a subject constitution through his writing. In this discursive analysis exercise of a literary basis corpus, from Foucault’s notions and notations from other theoretical fields (such as literary criticism and Bakhtin’s studies), it ruled that the subject constitution in various subject-positions produced in and contradiction by himself: nor fully racked, nor spokesman deleted.

Keywords: Writing from himself; Literary Discursivity; Carolina Maria de Jesus; Discourse Analysis; Foucault

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Goiás (1994), mestre em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia (2002), doutora em Estudos Linguísticos - UFU (2013) e professora na Universidade Federal de Goiás. E-mail: facarrijo@gmail.com

Introdução:

Por ora, apenas antecipamos que os processos de subjetivação, tomados por meio da materialidade linguística, constituída pelos dois diários, *Quarto de despejo* (1960) e *Diário de Bitita*² (2006), de Carolina Maria de Jesus, parecem entremostrear um jogo de relações precisas de saber e poder, delineando as marcas possíveis de uma discursividade que faz emergir ou que aponta para a constituição de várias posições do sujeito³; tanto àquele delineado por uma posição tributável de autoria quanto a outros sujeitos (plurais) que vão sendo esboçados nessa discursividade, a saber: o sujeito discursivo⁴ delator, o sujeito discursivo religioso ou sob efeito de uma religiosidade, o sujeito discursivo escritor, o sujeito discursivo apaziguador das brigas, o sujeito discursivo porta-voz dos favelados, dentre outros que nos foram (e serão) possíveis depreender a partir dos estudos propostos com este ensaio.

Cumpre-nos, neste momento, anunciar que QD e DB são considerados diários íntimos, anotações memorialísticas que tentam reconstruir o passado no momento presente. O primeiro deles traz as indicações de data no início de cada relato e o leitor percebe que houve supressão de algum tempo (aproximadamente três anos) nas anotações⁵. Os primeiros relatos iniciam em 15 de julho de 1955, encerram-se, parcialmente, em 28 de julho de 1955 – quando há a indicação sobre o fim do diário de 1955. Depois são retomados em 02 de maio de 1958 e sofrem nova supressão em 23 de fevereiro – quando há o apagamento de quase dois meses, só reiniciando em 29 de abril de 1959. Neste mesmo dia, há uma possível justificativa da autora para o fato de ter parado de escrever: “Eu parei de escrever o Diário porque fiquei desiludida. E por falta de tempo.” (QD, p.154). Há uma nova supressão, cerca de um mês – de 12 de maio a 12 de junho de 1959. Depois, em agosto, há uma interrupção de aproximadamente dez dias (do dia 16 de agosto a 26 de agosto) e, neste dia, 26 de agosto, tem-se uma única linha de relato: “A pior coisa do mundo é a fome!” (QD, p.181). As anotações decorrem para 31 de dezembro de 1959, e o diário é encerrado em 1º de janeiro de 1960 com: “Levantei as 5 horas e fui carregar água” (QD, p.182).

Para além dos litígios que possam ser apontados no tocante à supressão ou não do relato de Carolina Maria de Jesus ao ser organizado para publicação, o fato é que os diários receberam um recorte neste ou naquele dia, neste ou naquele ano. Se no início dos relatos há quase a anotação diária, ao fim do Diário, os relatos vão se espaçando. Na 9ª edição do QD, datada

² Trata-se da primeira edição de *Quarto de despejo* editada em 1960. A partir deste momento, recorreremos apenas à abreviatura das duas obras que assim ficariam, sucessivamente, QD e DB. Todos os excertos serão retirados destas edições, por isso, limitaremos a colocar as iniciais seguidas do número de página. O DB será utilizado, nesta pesquisa, apenas como uma materialidade complementar, já que nos interessa, sobretudo, o QD.

³ São diversas situações/posições que podem ser ocupadas pelo sujeito do discurso. Este conceito aparece em *Arqueologia do Saber*, notadamente, no tópico: A formação das modalidades enunciativas. (FOUCAULT, 2008, p.56-61).

⁴ Sujeito discursivo, grosso modo, é o sujeito que enuncia no discurso. É uma posição que pode ser ocupada, segundo Foucault (2008, p.130), sob certas condições, por indivíduos indiferentes. São lugares ocupados no momento da enunciação. E esses lugares são: históricos, sociais, culturais.

⁵ O livro passou pela organização do jornalista Audálio Dantas, que assume na apresentação do livro em sua 1ª edição (1960) que o diário começa no dia 15 de julho de 1955, no aniversário da filha de Carolina Maria de Jesus. O referido organizador do livro se recusa a dizer prefácio, pois diz que esse tem regras e ele não gosta delas, apenas se limita a apresentar a Carolina – escritora moradora da favela do Canindé: “Tenho de contar uma história, conto. Em contada, no exato acontecido, sem inventar nada. Não é no jeito meu, comum de repórter, mas é uma história de Carolina Maria de Jesus, irmã nossa, vizinha nossa, ali da favela do Canindé, Rua A, número 9” (Apresentação de Audálio Dantas ao livro QD, 1960, p.05).

de 2007, e cuja apresentação realizada por Audálio Dantas data de 1993, o jornalista assume que fez recortes no texto para evitar a repetição da rotina favelada que seria exaustiva, já que se tratava de mais de vinte cadernos sobre o cotidiano na favela. Reconhece que fez algumas alterações na pontuação e em algumas palavras cuja grafia poderia levar à incompreensão da leitura. E confessa, pois, que estas foram as únicas modificações feitas.

A obra QD originou diversos estudos, e fora, quiçá mundialmente, conhecida como obra de testemunho. Neste diário, temos o depoimento de uma mulher negra, favelada sobre o dia a dia de suas desventuras para obter o seu sustento e o de seus filhos. Houve na época da publicação do aludido livro, década de 1960, suspeitas sobre a veracidade e a assunção de autoria. Foi posta sob suspeição a veracidade de seu testemunho: se, efetivamente, os relatos eram tais e quais atribuídos à autora Carolina Maria de Jesus ou foram burilados pelo apresentador da autora e de seu livro, Audálio Dantas.

Nesse sentido, pode-se deduzir que lhe fora concedida a liberdade de falar, mas esta fala parece ter permanecido circunscrita ao teor testemunhal, validou e é legitimada enquanto depoimento e não como obra literária, ao menos, não por uma crítica literária, já que tem sido recorrida como sucesso editorial da época, e tem recebido acenos mais amiúdes enquanto fundamentação teórica, de base sociológica, antropológica e histórica⁶.

DB fora publicado primeiramente na França, em 1982, por uma jornalista francesa. Só quatro anos depois ganharia uma edição brasileira, realizada pela Nova Fronteira. Esta obra, contrariamente a QD, passou por uma revisão ortográfica antes de sua publicação. Trata-se do relato de Bitita – apelido de Carolina Maria de Jesus – testemunhando sua vida andarilha até transformar-se em mulher adulta, sempre às voltas com a pobreza, a errância, o preconceito e o desejo de anotar no papel suas vivências como tentativa de escapar ao esquecimento. O relato principia com um capítulo intitulado “Infância” e se encerra com “Ser Cozinheira”, no qual o sujeito discursivo expõe sua efêmera felicidade ao conseguir um emprego em uma casa de família. No entanto, acaba tendo que sair deste emprego e se lançar novamente à vida errante, vai para São Paulo. O relato termina com o anúncio desse sujeito ao chegar à cidade grande, onde intenta “conseguir meios para comprar uma casinha e viver o resto de meus dias com tranquilidade...” (DB, p. 250).

Em DB, temos um relato desde a infância, a ida para a escola, a condição dos negros, a inteligência do avô, considerado pelo sujeito do discurso como um Sócrates Africano até a ida para São Paulo, quando, então, enche-se de sonhos na esperança de comprar uma casa de alvenaria que, a propósito, constituir-se-ia em mote para a composição e publicação de outro livro, de título homônimo. Esta obra não recebeu, quando confrontada com QD, a mesma atenção do público leitor, tendo passado quase despercebida, talvez por não apresentar a linguagem fraturada ou, então, porque já havia sido apresentado ao leitor o quarto de despejo com as misérias humanas.

Depois de circunscritas as características do *corpus* para a presente análise discursiva, anunciamos que investigaremos, neste ensaio, quais as singularidades de uma dada discursividade fazem entremostrear as peculiaridades de um processo de subjetivação via fissuras dos cadernos encardidos. Seguindo este raciocínio, proferimos que, em QD e DB, o sujeito tributável de uma dada autoria parece fugir às tentativas céleres de categorização.

⁶ Alguns trabalhos têm sido referência no campo literário, a saber: SOUSA (2004), PERPÉTUA (2000) e FERNANDEZ (2008).

Acreditamos que não só a composição formal de um diário deve se constituir em alguns alinhavos deste trabalho, mas ainda a natureza intrínseca do diário enquanto tentativa de escapar-se à loucura, fugir à solidão e evadir-se do desespero de ‘não ter nada a dizer’. Assim, mais que apontar a estrutura do diário: texto cíclico (o início pode ser o fim e, este, por sua vez, aquele), com datas indicativas da passagem inexorável do tempo, escrito em primeira pessoa, com um confidente virtual (aquele que é, de certa maneira, confiado para que leia as confidências possíveis ou sequer as possa ler) – é cogente o que viemos apontando ao longo desta pesquisa de que o diário idêntico ao que dissera Blanchot (2005) atenuaria o perigo da solidão, aferiria a possibilidade daquele que se encarrega de anotar o dia a possível garantia de se constituir nas fissuras/nas fendas do dito e recompor no presente (no momento da escrita no diário) os fatos passados e remendar a natureza intrínseca de um sujeito ou ainda a individualização de um sujeito.

Neste aspecto, Carolina acaba por confidenciar os sentimentos controversos que lhe constituem, embora não tenha plena consciência deles. Esta contradição, conforme já dissemos, é visível/apreensível na materialidade linguística dos relatos inclinados de revolta, tristeza, solidão, agonia, denúncia, desesperança e miséria. Cumpre-nos dizer que, ao construir um diário, aquele que o faz se vale da tentativa de recorrer às lembranças e recompor o passado ou aquilo que dele ficara retido. Assim, tenta constituir um mosaico de si, por meio de um exercício de si, nos moldes aqui arrazoados. Neste caso, então, ao intencionarmos uma analogia com o que discutimos anteriormente sobre uma discursividade rasurada em Carolina Maria de Jesus em contraponto com a noção de diário, poderíamos aventar que a construção do diário é mobilizada por efeitos da memória enquanto prática para a constituição de uma subjetividade que se acode da tarefa de juntar remendos do passado no momento presente (de construção do diário). Ao vincular, por meio da escrita cotidiana, a tentativa de construção de um espaço para desafiar a morte, preservar-se do esquecimento, aquele que o faz se mune de processos intermitentes entre a memória e o esquecimento. É neste exercício entre ambos (memória e esquecimento) que o diário vai sendo tecido com a sensação iminente de que aquele que escreve afasta a solidão e preenche os dias com a ilusão de ‘escrever para não morrer’.

Estamos tomando por escritura rasurada como uma escrita que escreve por sobre outra escrita. É aquela escrita que evidencia por vestígios no dito o processo de aquisição de uma língua. Há indícios da inscrição de uma autora (na escrita), em que ela tenta se corrigir e acaba por desvelar nessa escrita este processo de apropriação de um código linguístico, seja através da hipercorreção, seja através da reescrita (quando a autora volta ao texto e coloca maiúscula onde estava minúscula). Observamos parte dos manuscritos de Carolina Maria de Jesus e este exercício de observação foi feito de maneira qualitativa e não quantitativa, já que teríamos de colocar este foco como a grande questão de uma possível tese e enveredar para uma pesquisa de análise detalhada dos manuscritos, conquanto essa (análise) poderia se constituir em uma atividade enfadonha, já que desde os primeiros manuscritos de Carolina Maria de Jesus já se evidencia o processo de apagamento e (re)inscrição por cima com letras maiúsculas onde, em princípio, estariam minúsculas.

Blanchot acresce que o diário “está ligado à estranha convicção de que podemos nos observar e que devemos nos conhecer” (BLANCHOT, 2005, p. 275). Seguindo este raciocínio, diríamos que Carolina cataloga na pauta do cotidiano as dores por ter se ‘iludido’ com os homens e restar com três filhos; lamenta um amor (os sentimentos amorosos por alguém que não se fixa em lugar algum); arrola as fragilidades de uma administração pública; registra o

abandono dos que não conseguem suprir suas necessidades primárias e saem em busca dos propalados serviços sociais; elenca o cotidiano miserável; enfim, anota “para salvar sua vida pela escrita, para salvar seu pequeno eu (as desforras que se tira contra os outros, as maldades que se destilam) ou para salvar seu grande eu, dando-lhe um pouco de ar” (BLANCHOT, 2005, p. 274).

Para o referido ensaísta e crítico literário, no diário “narra-se o que não se pode relatar. Narra-se o que é demasiadamente real para não arruinar as condições da realidade comedida que é nossa” (BLANCHOT, 2005, p. 272); talvez, em função disso, o diário possa alimentar esta sensação quase dolorida de confabular o segredo tanto para aquele que se lança na empreitada de construir um diário, quanto para aquele que atina que, via diário/escrita, terá acesso à natureza intrínseca de uma confissão. Confissão, neste caso, não na assunção de uma culpa, mas na ordem da declaração de um possível segredo.

Carolina Maria de Jesus confessa/escreve ‘para não se perder na pobreza dos dias’ e intenta preservar os dias vividos, sob a garantia de tê-los passado para o papel. Segundo ainda Blanchot: “Escrevemos para nos salvar das esterilidades” e “Escrevemos para nos lembrar de nós” (2005, p. 275). Neste aspecto, o da tentativa de permanecer por *il filo di tempo* ou da pretensão de nos lembrar de nós, há nos diários de Carolina, sobretudo em QD, uma discursividade que diz do quarto de despejo e da tentativa de um sujeito de alçar, pela escrita, outro lugar, não entre os favelados, mas na sala de estar.

Acreditamos que esta proposta de análise/leitura se constitui como uma contribuição especialmente para os estudos linguísticos, conquanto possa também interessar a outros campos epistemológicos, já que, a exemplo de Ítalo Calvino (1990), entendemos que os saberes não se excluem, mas se interpenetram. E como a Análise do Discurso – AD – é devedora dos aportes teóricos que se valem da confluência dos saberes, procuramos, nesta pesquisa, uma leitura que se munice destes campos teóricos que se entrelaçam, revelando-se transdisciplinares.

Ao principiar este ensaio, cuja temática é delinear os processos de subjetivação, a partir das singularidades de uma escrita de si pelo viés de uma discursividade rasurada, nos vêm à baila algumas demandas que não podem ser esquecidas: 1) Como se dá a constituição do(s) sujeito(s) via escrita rasurada de si? 2) Como escrever e inventariar o que seria *a priori* da ordem do não inventariável⁷: os matizes da miséria, por intermédio de uma escrita rasurada e traçada com fios diversos? 3) Como se dá o processo de constituição dos sujeitos em meio a sua *escrita de si*? 4) Como se apresenta a discursividade literária em uma escrita rasurada? 5) Que constituições de sujeito se fazem entrever na materialidade linguística cotejada e como isto se relaciona com o fato de ser catadora de lixo, favelada, escritora? Em síntese, como os sujeitos são constituídos e que relação eles estabelecem com a discursividade literária em Carolina Maria de Jesus?

Nesse sentido, faz-se singular rastreamos e tentarmos arrolar o princípio dessa pesquisa, isto é, por onde encontramos Carolina Maria de Jesus? Desembrulhamos a referida autora de um papel encardido pela ação do tempo com o ardor e a leveza com que, em um passado remoto, desembulhávamos as balas de abacaxi com mamão em papel celofane, aquele mesmo alegre e febril. Persistimos, neste momento, que, no ato de desembulhar, de desenrolar, de deixar vir à baila, ousamos entrever pelas fissuras de um livro também amarelecido pela ação do tempo

⁷ Intitulamos de não inventariável porque, de certo modo, as agruras, a extrema miséria e, especialmente, a vida de pessoas desventuradas não são, costumeiramente, estimuladas como dignas de nota.

implacável⁸, a singularidade de uma materialidade linguística. Assim, esta pesquisa tem o objetivo de problematizar o sujeito, *a priori*, como sujeito de uma escrita, de uma dada discursividade.

Com o mesmo rubor da ação de desembulhar balas, descobrimos uma função autor que chamava a atenção pelo jogo de opostos: uma discursividade reentrante, rasurada, que perseverava em contar e inventariar a vida dos infortunados, das personagens que tinham em comum simplesmente sua vida infame e o fato de pertencerem, aliás, de se constituírem nos badulaques que, ininterruptamente, são lançados ao quarto de despejo. Nesse momento, estamos realizando uma alusão ao texto de Foucault alcunhado de “A vida dos homens infames” para asseverar que Carolina Maria de Jesus colocou na ordem do dia, ou na ordem do discurso, as vidas sem notoriedades, as estórias minúsculas, os desfechos tristes.

Desse modo, vimos na escrita de Carolina Maria de Jesus a remota possibilidade de e/ou o intrínseco desejo de restituir-lhe, ainda que espaçadamente, a vontade premente de ser conhecida como poeta. Papéis revoltos trouxeram à tona a presença reentrante de uma posição-sujeito, porque sua escrita nos intriga e nos obriga a rever, ou simplesmente ver de novo como se fosse a primeira vez, aquela que nos despertava (qual seja, neste sujeito-pesquisador) sentimentos controversos: encantamento e tristeza, desespero e amor, alívio e dor, renascendo por entre as fissuras dos cadernos encardidos.

Qual seria a atribuição do analista de discurso ao se debruçar sobre o *corpus*, senão, seguramente, introduzir-se em uma tarefa em que sujeito e sentido estão se constituindo, ininterruptamente? Assim sendo, tentar apreender estes efeitos de sentido que aparecem em uma dada materialidade linguística, fazendo insurgirem sujeitos singularizados por uma *escrita de si*, por uma inscrição de si (enquanto constituição de sujeitos), por uma reinvenção de ‘si’⁹, apresenta-se como uma empreitada absorvente, contudo, paradoxalmente, prazerosa e que, ora, institui-se como tarefa desta pesquisa, a saber: delinear, por meio da materialidade linguística, as especificidades de um *corpus*. É na ocupação de si que o sujeito em função de autoria, apreensível em QD e DB, atualiza os dizeres de Foucault (2011) ao retomar Blanchot de que “é preciso escrever para não morrer” (2005); “É preciso tempo para isso. E é um dos grandes problemas dessa cultura de si fixar, no decorrer do dia ou da vida, a parte que convém consagrar-lhe” (FOUCAULT, 2011 c, p. 56).

Entendemos que o sentido em dado discurso, em uma dada discursividade nunca será ‘o sentido’, substantivo singular, pois, como pesquisadores, em AD, somos devedores de uma predicação: conceber o sentido sempre no plural e desde sempre como efeito de sentidos entre interlocutores, como já dizia Pêcheux (1997). Neste caso, o sentido não está associado simplesmente nem às palavras, nem aos enunciados, mas é tributário, de alguma forma, da enunciação dos enunciados, o que, por sua vez, depende de condições específicas de sua produção.

Em diversos momentos, um percurso discursivo de descrição e análise teórico–metodológica de um *corpus*, via materialidade linguística, é tarefa de mão dupla: tanto o *corpus* vai esboçando as exigências deste ou daquele escopo teórico quanto este campo teórico esboça

⁸ Estamos fazendo referência ao livro que tivemos contato com a obra de Carolina Maria de Jesus, trata-se da primeira edição de QD com uma dedicatória da autora para o então governador do Estado de São Paulo (Carlos Alberto de Carvalho Pinto).

⁹ Foucault, ao longo de suas pesquisas, discorre sobre a estética da existência, em que o sujeito ao se produzir como sujeito o faz singularizando sua vida como se esta fosse uma obra de arte. O sujeito ao se reinventar o faz mediante uma tentativa de criar uma estética de si, tentando passar sua vida quase ‘a limpo’, quer seja reescrevendo-a.

as singularidades daquele que, em um primeiro momento, nem atinávamos que haveríamos de usá-lo. Talvez, data daí a estreita e dupla relação entre análise–teoria–análise, pois o analista terá de voltar ao *corpus* infinitas vezes; assim, uma vez principiada uma análise discursiva, o analista não se furtará de aferir este mesmo *corpus* e o escopo teórico lançado mão para embasar sua análise discursiva.

Como elegemos nesta pesquisa delinear a constituição do sujeito, *a priori*, havíamos pensado na possibilidade de cotejar este aspecto em Pêcheux (1997), já que ele discorre sobre a *forma-sujeito*, na intrínseca relação entre esta, a ideologia e o inconsciente. Poderíamos, também, recorrer a Foucault (2009) e, ainda, a Bakhtin (1997), contudo, não é possível declinar, detidamente, todos os conceitos correlacionados ao sujeito e à ideologia, a partir destes três autores, dadas as limitações espaço temporais de uma tese de doutoramento. E, ainda, porque esta talvez fosse uma expedição exaustiva e desnecessária, uma vez que facilmente um destes pensadores já nos ofertaria um leque de possibilidades. É evidente que não nos furtaremos assim que o *corpus* impetrar, à possibilidade de recorrer a este ou aquele conceito, deste ou daquele autor, conquanto não temos e, ainda não teremos, a rigor, o ímpeto de declinar a noção de sujeito e de ideologia em todos os autores supracitados.

Em uma leitura mais explicitada, o prontamente aguardado é que o fizéssemos tomando como escopo teórico tão somente as asseverações de Foucault sobre a *escrita de si*, sobre a noção de autoria e sobre a constituição do sujeito por atravessamentos diversos, da história, da memória, do lugar social. Contudo, assim que íamos esboçando um olhar e/ou vários olhares sob o *corpus* da pesquisa, percebíamos que, em algum momento, teríamos que lançar mão de um e de outro, em uma espécie de concubinato (Foucault e Bakhtin), para nos focarmos tão somente nesses dois autores. Assim constituiríamos uma base teórica que pudesse nos fornecer os elementos imprescindíveis para esquadriñar a *escrita de si* e a constituição do sujeito na materialidade constituída pelos textos de Carolina, especialmente, nas fissuras dos cadernos encardidos.

Muito mais que a abundância de teoria a ser cotejada, o que ambicionamos é ter clareza o suficiente para escolher um flanco teórico que contemple as singularidades de nosso *corpus*, ainda que tenhamos de lançar mão de outras bases, para além da teórica (FOUCAULT, 2001; 2007; 2008; 2009; 2011a; 2011b; 2011c; 2011d; 2011e; 2012a; 2012b), uma base referencial (BAKHTIN, 1995, 1997, 2008) e uma outra base que aqui denominamos de complementar, a saber, os textos sobre os diários íntimos, um deles, **O livro por vir**, de Blanchot (2005). Ao observarmos detidamente esse *corpus*, fomos delineando a possibilidade de recortá-lo tendo em vista também as considerações de Bakhtin (1997) sobre a intrínseca constituição do sujeito que se dá via alteridade. Seria o excedente de visão de *outrem* que daria os contornos possíveis do “eu”. Destarte, insistimos em dizer que a base referencial (noções de dialogismo e de excedente de visão) serão convidadas para elaborar uma conjuntura teórica coadjuvante que explique a ocorrência de uma discursividade literária em Carolina Maria de Jesus. Assim, seria necessário elucidar um tópico que tem se tornado um ponto de inflexão proeminente neste trabalho. Trata-se de explicar o que é uma base teórica, uma base referencial e uma base complementar. A base teórica diz respeito ao suporte teórico que norteará a pesquisa como um todo. Ela orienta, especialmente, os enfoques a serem explorados na pesquisa. Já a base referencial refere-se aos elementos que serão combinados à base teórica para instaurarem uma forma de abordagem à focalização da pesquisa. Como base referencial, tomaremos as noções de excedente de visão e de dialogismo em Bakhtin para servir de respaldo epistemológico, para

cotejarmos os processos de subjetivação, fundados teoricamente no pensamento foucaultiano, que deliberamos constituir a base teórica deste trabalho. A base complementar, por sua vez, diz respeito a elementos que são chamados para ilustrar a composição teórica resultante da base teórica e da base referencial. Nesta pesquisa, recorreremos à noção de diário em Blanchot (2005) como base complementar.

A presente disposição deste ensaio se acha assim delineada apenas para fins didáticos, uma vez que os direcionamentos teóricos podem desvelar-nos outras trilhas possíveis e, neste caso, o que *a priori* fora intitulado como complementar terá ou ganhará outras configurações e espaço nesta pesquisa. Entendemos, ainda, que esta marcação didática não é e nem pode ser um entrave, um molde a ser seguido; trata-se apenas de uma sinalização para o leitor.

Anunciamos que, com respeito ao vocábulo ‘encardido’, não há na escolha deste para intitular a referida pesquisa, nenhuma conotação pejorativa, apenas se está cumprindo aqui uma referência aos cadernos de Carolina que eram, a exemplo de seu sustento e o de seus filhos, retirados do lixo. Por isso, para recorrer, aqui, a um trocadilho, ainda jazem encardidos pelo tempo, pela ausência e, ainda, pelo silêncio de uma crítica que não lhe conferiu o estatuto de uma obra, notadamente literária, não nos moldes de nossa crítica literária, que ainda sustenta a *imortalidade* para os afeitos ao dom da palavra e ocupantes de uma dada cadeira. É revelador, para não dizer intrigante, que a obra completa de Carolina Maria de Jesus só se ache, devidamente, reeditada em língua inglesa. A referida autora é bem mais conhecida/(re) conhecida em país alheio ao seu nascimento.

Estamos trabalhando neste texto com a noção de obra dada em Foucault (2009) – como uma “curiosa unidade” em contraponto com o que circunscrevera o referido autor para o nome do autor que “serve para caracterizar um modo de ser do discurso”. Com base em algumas características tributárias de uma dada relação entre sujeito, sentido e exterioridade, talvez fosse possível atribuir a uma discursividade as marcas de uma autoria.

Em razão disso, este ensaio não tem a rigor o objetivo de explicitar a quem pode ser conferido o estatuto de uma obra literária para um dado autor. Apenas reiteramos que a crítica literária confere legitimidade, ou seja, reconhece este ou aquele autor por meio de critérios nem sempre aparentes e, não raras vezes, esses resvalam em questões outras, além das linguísticas e estético-literárias.

Quanto à possível notoriedade a ser apresentada enquanto *justificativa* para a temática deste ensaio, entendemos, aqui, que a questão do sujeito e, portanto, o que intitulamos *de processos de subjetivação*, é por entendermos que a noção de sujeito é tão complexa, polêmica e a despeito do falar diverso sobre este tema, ele ainda se apresenta enquanto campo de análise, de estudo extremamente profícuo e aberto. O único ponto, quiçá consensual, se é que assim podemos designá-lo, entre as diversas abordagens que já foram tecidas sobre o sujeito, é que ele não é mais o sujeito cartesiano¹⁰.

Nesse sentido, para uns, entre eles M. Pêcheux (1997), seguindo a trilha de Althusser, o sujeito é *assujeitado* em via ininterrupta de assujeitamento e/ou, ainda, um sujeito que é sempre

¹⁰ A questão do sujeito é uma questão aberta. Para analistas do discurso afetados de alguma forma pelo ‘ar do tempo’ da época heróica da fundação da disciplina, só há um consenso absoluto: o fim do sujeito cartesiano. (...) quanto às especificidades que ultrapassem a negação do sujeito dito uno e consciente, penso que o campo está aberto. Como sempre as respostas provisórias, ou as tentativas de dá-las, que têm algum interesse provêm de detalhamentos teóricos e de análises de *corpora* variados. (POSSENTI, S. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 82).

interpelado (chamado à existência) por intermédio da ideologia e por meio de determinadas condições materiais de produção de uma dada formação discursiva. Para outros, o sujeito não é origem de seu dizer e carrega em si, a exemplo de Sísifo, o fardo de que *outras vozes* dizem e falam em seu *dizer* – um dizer dialógico, atravessado por outras e tantas outras vozes, conforme pontuava Bakhtin (2008) sobre a noção de dialogismo. Para outros, haveria, ainda, o que muito se propalou: *a morte do autor*, conforme assevera Barthes (1994); e, para outros, seguindo a linha de Michel Foucault¹¹ (2009), haveria o que se intitulou a **função autor** em que o sujeito ocuparia, em um dado momento, uma dada função, entre tantas outras possíveis. Em outros, o sujeito é sujeito da enunciação porque ele se assume enquanto um “Eu” e passa a exigir, em uma dada enunciação, a presença de um “Tu”, nos moldes do que afirmava Benveniste (1989) em **O aparelho formal da enunciação**. É evidente que este último não se apresenta no campo teórico da AD, mas foi ele que, sob certo aspecto, principiou os trabalhos com a intitulada enunciação.

Entendemos, nessa direção, que, nas brechas, nos intervalos em que atua a AD (que reconhece em uma de suas facetas, como um campo de análise que trabalha precisamente neste entremeio, neste intervalo de outros espaços teóricos), que a constituição do sujeito parece ser mais ampla que as outras acepções pontuadas acima. Compreendemos por ampla a acepção de vasta, em que incidem sobre o sujeito e em sua constituição uma rede de relações: do sujeito com a verdade, do sujeito com a sua constituição e do sujeito com os efeitos de poder.

É sobre os processos de subjetivação que a tese de doutorado tomou como sua base eminentemente teórica. Para Foucault, a questão do sujeito é o que move todas as suas investigações, aliás, essas são investigações de uma vida destinada à pesquisa. O sujeito, em relação ao posicionamento, é um entre vários outros aspectos contemplados por Foucault e, sendo assim, compreendemos que falar em função autoria pareceria, desavisadamente, modesto, uma vez que o referido autor teceu vários trabalhos sobre o sujeito. Por isso, insistimos aqui em deliberar sobre os processos de subjetivação na tentativa de sinalizar a constituição de um sujeito via escrita de si, via cuidado de si.

Em face ao exposto, o que explica a presente pesquisa é a questão entreaberta sobre a noção do sujeito e/ou o que se convencionou, neste trabalho, ao recorrermos, notadamente aos trabalhos de Foucault (2011d) de processos de subjetivação, evidentemente, acoplada à noção de sentido e, ainda, correlacionada com a questão da discursividade literária em Carolina Maria de Jesus.

Se o sujeito é diverso, plural e, paradoxalmente, singular, se não há uma questão fechada para a acepção de sujeito, é partindo destes processos de subjetivação (isto é, como os sujeitos se constituem sujeitos via relação consigo mesmo e com o outro, via escrita de si, mediado pelo cuidado de si e também de outrem nas fissuras dos cadernos encardidos) que se intenta delinear as singularidades de uma *escrita de si* em Carolina Maria de Jesus. Essa tarefa se revela de natureza descritiva e interpretativa para esboçar, por intermédio da materialidade discursiva de Carolina, apreendida em seus textos, um método de análise descritiva e interpretativa; entendam-se, aqui, alguns enunciados recursivos, na acepção dada por Foucault (2008), que entremostrem os processos de constituição do sujeito e, ainda, o que denominamos *a priori* de discursividade literária em Carolina Maria de Jesus.

¹¹ Vale lembrar que Foucault fora instigado ainda que ao revés pelo texto de Barthes (*A morte do autor*) ao escrever *O que é um autor?*. Segundo o próprio Foucault em alusão àquele: “Mas não chega, evidentemente, repetir a afirmação oca de que o autor desapareceu. Do mesmo modo, não basta repetir indefinidamente que Deus e o homem morreram de uma morte conjunta” (FOUCAULT, 2009, p.41).

Como palavras finais, devemos dizer que este trabalho nasceu da inflexão ao ler uma obra de Jeanne Marie Gagnebin (2014) intitulada **Limiar, aura e rememoração** que trata, nas linhas iniciais, sobre a escrita como luta contra o esquecimento e a morte. Segundo a referida autora,

Com o intuito de pensar as relações tensas e angustiantes que a escrita e a consciência da morte entretêm, gostaria de seguir outra hipótese: se fôssemos imortais, não precisaríamos escrever – portanto, quando escrevemos, lembramos, à nossa revelia, que morremos. E assim, muitas vezes, ou escrevemos demais ou não escrevemos nada (GAGNEBIN, 2014, p.14).

Nas palavras desta autora ao rememorar outros autores, especialmente Walter Benjamin, o poema/o texto talvez seja um túmulo de palavras como também se constitui em um monumento, na medida em que intenciona lembrar os feitos dos heróis mortos, sua existência e, ao mesmo passo, sua perda. A referida autora faz estas considerações recorrendo aos poemas épicos, notadamente Odisseia. E *a posteriori* diz que, na Grécia antiga, poetas e adivinhos são realmente *inspirados*, e só a partir de Baudelaire é que os poetas deixam metaforicamente de ter uma ‘suposta auréola’. A propósito, para maiores informações, a autora sugere o poema de Baudelaire “A perda da auréola”, que constitui uma das fontes da obra benjaminiana “da perda da aura” na arte contemporânea. Segundo Gagnebin, escrever um texto, ou melhor ainda, escrever uma “obra”, constitui uma estratégia de autoconservação em vida e depois da vida. (GAGNEBIN, 2014, p.19). Resguardadas as possíveis distinções conceituais, a escrita possa ser compreendida como um ritual – tentativa de se manter vivo – para além do texto físico. Preservar-se daquilo que não pode ser preservado – a finitude daquele que escreve e também daquele que lê, ambos seres ‘finitos’ intencionando a impossibilidade da infinitude. Conforme Gagnebin, “...a escrita não nos immortaliza; ela talvez possa lembrar um gesto que esboçamos – o qual, no melhor dos casos, será retomado e transformado por outrem. Assim como o filho que cresce lembra ao pai que ele, o pai, envelhece e morre, também aquilo que eu possa vir a escrever será um alerta de minha caducidade e de minha finitude”. (GAGNEBIN, 2014, p. 24).

Por fim, ainda segundo Gagnebin (2014) ao lembrar Blanchot, se a escrita configura um nascimento, é porque adentra o reino da separação e da despedida, da intensidade do início e da prefiguração da partida.

Carolina Maria de Jesus escrevia e reescrevia ininterruptamente com o desejo legítimo de escapar da pobreza, da infinita pobreza dos dias, ainda que, em sua finitude e no rasgo clarão de luz advindo com *Quarto de Despejo*, se recolheu em um sítio (no interior de São Paulo) porque era demais para ela suportar o esquecimento ainda em vida. Restaram os versos, os sambas-canção, os contos, as novelas, os distintos gêneros textuais deixados em vida com o intuito de se manter viva pelo poder da palavra.

Após a morte de Carolina Maria de Jesus, ocorrida em 1977, foram encontrados aproximadamente 37 (trinta e sete) cadernos e nestes existiam quatro romances, peças teatrais, memórias, cartas, poesias, entre outros gêneros discursivos. Carolina, enquanto sujeito-empírico, conforme já foi dito, aqui, e em tantos outros trabalhos que versam sobre sua obra, tinha como aspiração genuína *ser poeta*. Contrariamente, não foi este o gênero discursivo que a fez conhecida no Brasil e, especialmente, no exterior. Sua obra mais conhecida é QD, que teve aproximadamente nove edições no Brasil. Todo este material se encontra microfilmado e está disponível na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Referências:

- BAKHTIN, Mikhail. (VOLOSHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7ª edição. São Paulo: Hucitec, 1995.
- _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. **Problemas na poética de Dostoiévski**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Lisboa: Edições 70, 1994.
- BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. **A conversa infinita: a experiência limite**. São Paulo: Escuta, 2007.
- BENVENISTE, Émile. “O aparelho forma da enunciação”. In: **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 1989. p.81-90.
- DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- FERNANDEZ, Andréa Raffaella. **Percursos de uma poética de resíduos na obra de Carolina Maria de Jesus**. Itinerários, Araraquara, n. 27, p.125-146, jul./dez. 2008
- FOUCAULT, Michel. **Estética, literatura e pintura, música e cinema**. Org. de MOTTA, Manoel de Barros. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- _____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Trad. Salma Tannus Muchail. 9ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- _____. **A arqueologia do saber**. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ªed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008.
- _____. **O que é um autor?**. 7ª ed. Trad. José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais. Lisboa: Passagens, 2009.
- _____. *A vida dos homens infames*. In: _____. **O que é um autor?**. 7ª ed. Trad. de José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais. Lisboa: Passagens, 2009. p. 87 a 126.
- _____. *A escrita de si*. In: _____. **O que é um autor?**. 7ª edição. Trad. de José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais. Lisboa: Passagens, 2009.p.127 a 158.
- _____. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 21ª ed, São Paulo/SP, Edições Loyola, 2011 a, 79p.
- _____. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A.Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2011b.
- _____. **História da Sexualidade 3: O cuidado de si**. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque Rio de Janeiro, Edições Graal, 2011c.
- _____. **História da Sexualidade 2: O uso dos prazeres**. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2012a.
- _____. **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)**. Edição estabelecida sob a direção de Francois Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros. 3ª ed. Trad. Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. 3º ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011d, 2ª tiragem.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Trad. de Raquel Ramallete. 39.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011e.

_____. **Estratégia, Poder-Saber.** Ditos e Escritos IV. Org. de MOTTA, Manoel de Barros. Trad. De Vera Lucia Avellar Ribeiro. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012b.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin.** São Paulo: Editora 34, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo – diário de uma favelada.** V. 1 da Coleção Contrastes e Confrontos. São Paulo: Oficinas Gráficas de Linográfica Editora Ltda, 1960.

_____. **Diário de Bitita.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2007.

MATHIAS, M.D. *Autobiografias e diários.* In: Revista Colóquio/Letras. Ensaio, nº143-144, janeiro 1997, p.41-62. Disponível em: <http://coloquio.gulbendian.pt./sirius.exe/explore>. Acesso em: 29 de dez de 2011.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Trad, Eni Puccinelli Orlandi. Et al. Campinas, S.P: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Trad. Eni P. Orlandi. 5ª edição, Campinas: Pontes, 2008.

_____. “Os fundamentos teóricos da Análise automática do discurso de Michel” (1969). In: GADET, F. & HAK, T. (org). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**, trad. Bethânia S. Mariani et. al. Campinas, S.P: Editora da UNICAMP, 1997, p.13-60.

_____. Papel da memória. In: **Papel da Memória.** ACHARD, Pierre et al. Tradução e introdução: José Horta Nunes, 3ª, Campinas, São Paulo: Pontes, 2010

PERPÉTUA, Elzira Divina. **Traços de Carolina Maria de Jesus: gênese, tradução e recepção de ‘Quarto de despejo’.** Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2000. 366p. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Fale/UFMG, 2000.

POSSENTI, Sírio. **Questões para analistas do discurso.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. **Carolina Maria de Jesus – o estranho diário da escritora vira-lata.** Tese de Doutorado. Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2000, 262p.